

1

Sheila M. F. Mendonça de Souza
Claudia Rodrigues-Carvalho
Hilton P. Silva
Martha Locks

Revisitando a discussão sobre o Quaternário de Lagoa Santa e o povoamento das Américas: 160 anos de debates científicos

INTRODUÇÃO

Uma das longas polêmicas sobre a pré-história humana recente diz respeito aos achados arqueológicos da região de Lagoa Santa, Minas Gerais, e sua relação com a antiguidade do povoamento das Américas.

Uma revisão rápida dos achados pré-históricos do final do Quaternário de Lagoa Santa permite constatar que, ao longo de 160 anos de debates, alguns tópicos da questão parecem ter persistido, resistentes a uma solução científica definitiva e exigindo a cada momento novas e mais modernas ferramentas científicas de investigação.

Após tantas décadas em que a arqueologia, juntamente com a biologia e outras ciências afins, procurou dispor do que havia de mais avançado em teoria e métodos, segue a polêmica sobre a antiguidade dos achados; as relações biológicas entre a população pré-histórica mais antiga de Lagoa Santa e outros indígenas das Américas; sobre a possibilidade de ter ocorrido sua extinção; sobre sua convivência com a fauna extinta; e até sobre a sua origem.

A reconstituição facial feita a partir de um dos crânios humanos bem conservados dessa população pré-histórica, proveniente do sítio denominado Lapa Vermelha IV (o crânio conhecido como *Luzia*), volta a mobilizar questões seculares, reabrindo antigas polêmicas.

Dessa forma, torna-se oportuno historiar um pouco as interpretações sobre Lagoa Santa e seus achados arqueológicos.

No presente capítulo, é feita uma síntese desta produção científica destacando o que se refere às questões polêmicas e como vêm sendo tratadas na literatura.

CONTEXTO GEOLÓGICO E SITUAÇÃO DOS ACHADOS PRÉ-HISTÓRICOS

A chamada “Grande Região Arqueológica de Lagoa Santa”¹ é constituída por um significativo conjunto de sítios arqueológicos, comportando desde testemunhos de arte rupestre até os cemitérios pré-históricos mais antigos do Brasil. Hoje, entretanto, a maior parte de seu potencial arqueológico já foi destruído pela ação antrópica ao longo dos últimos séculos de ocupação histórica.

Formando parte do cenário cárstico tropical, este conjunto, pertencente ao chamado Grupo Bambuí, desenvolve-se sobre calcáreos da Formação Sete Lagoas, que se localizam no interflúvio do Ciclo das Velhas. Sua característica externa mais visível é ser uma rocha cinza no topo e esbranquiçada na base.

A região constitui a borda Sul-Sudoeste da cobertura da Plataforma do São Francisco, em contato com o Pré-Cambriano ao sul e com a Série Espinhaço ao norte. O terreno geológico da região de Lagoa Santa, portanto, é formado predominantemente por calcáreos Bambuí, do Pré-Cambriano Superior, assentados desordenadamente sobre rochas do embasamento cristalino (granitos e *gnaiesses*). É nesse limite de duas estruturas que corre o Ribeirão da Mata, curso de água ao qual se deve parte da conformação recente da região.² O conjunto fica situado no Planalto de Lagoa Santa, dentro da microrregião homogênea número 181.³

O sistema apresenta grutas e abrigos (ou lapas, na denominação local) que podem ser contadas às centenas, muitas delas guardando evidências paleontológicas e arqueológicas. A cobertura vegetal da região, originalmente formada por matas semidecíduas, hoje está quase totalmente eliminada, estando substituída por um cerrado arbustivo ralo.

Alguns sítios de interesse arqueológico são a Lapa Mortuária de Confins (Matozinho, Cerca Grande), a Gruta do Sumidouro, a Gruta de Carrancas, o

Abrigo de Cerca Grande, a Lapa das Boleiras, o complexo da Lapa Vermelha, entre outros. Formadas por diferentes processos geomorfológicos, desde a dissolução e erosão mecânica causada por água de grandes lagos pleistocênicos; fraturamento e quedas de blocos rochosos; e variados espeleotemas de recristalização, cada lapa tem forma e dinâmica única, constituindo complexo testemunho a ser lido de maneira individual. Em cada um desses ambientes, a passagem do homem e dos animais, deixando registros arqueológicos e paleontológicos, complica ainda mais os testemunhos, exigindo interpretação cuidadosa. Nessa variedade de situações, em que cada caso é um caso, é que se explicam algumas das aparentes contradições e discordâncias existentes nas interpretações que, ao longo de quase dois séculos, vêm dificultando a leitura dos achados nesses sítios.

As primeiras investigações na área foram feitas por Peter W. Lund, naturalista dinamarquês que se fixou no Brasil em meados do século XIX. Desde a experiência exaustiva e detalhista de Lund, até as minuciosas escavações levadas a efeito hoje com o auxílio de ferramentas tecnológicas mais sofisticadas, o conhecimento sobre Lagoa Santa vem se acumulando, ao mesmo tempo em que se refaz, ao longo de mais de 160 anos de discussões.

Formações rochosas principalmente de calcáreo, mas também quartzito, foram utilizadas como abrigos ou sítios rituais de ocupação humana seguramente por milhares de anos. Fontes de matéria-prima para indústrias líticas, principalmente quartzo e as formas criptocristalinas, como o chert e o sílex, estiveram disponíveis nas proximidades. Um ambiente originalmente rico em fauna diferenciada, inclusive peixes e moluscos, além de diferentes espécies vegetais, propiciou condições para a permanência de grupos humanos, que ocuparam a região seguramente há mais de 12 mil anos.

Transições culturais e biológicas ocorreram ao longo deste tempo. Da mesma maneira que ocorreram mudanças climáticas e geomorfológicas, ocorreram mudanças nas populações humanas, animais e vegetais. A pré-história de Lagoa Santa é um imenso quebra-cabeças tridimensional.

Desde a primeira carta em que Lund informa ter encontrado na região sítios arqueológicos com ossadas humanas, que julgara contemporâneas aos animais extintos, olhares internacionais e nacionais se voltam para tais achados.⁴ Ali teve início a polêmica. A arqueologia e a antropologia, ainda hoje, buscam esclarecimentos.

O processo de formação das grutas calcáreas e seus depósitos Quaternários foi tema de discussões por outros naturalistas que visitaram a região, mas foi Lund que se dedicou sistematicamente à observação dos depósitos e a descrição

das estruturas, buscando, através de analogias com processos geológicos ainda ativos, e da análise comparativa de centenas de grutas escavadas e documentadas, explicar a sua formação. Com base nisso, alcançou um sólido conhecimento dos depósitos fósseis, em seis dos quais pode encontrar ossos humanos pré-históricos, achados que foi capaz de diferenciar das ocupações mais modernas, claramente atribuídas aos indígenas que ainda habitavam a região em tempos históricos.

A escavação da rocha por ação das águas; o soterramento progressivo por torrentes lamacentas que chegavam às cavidades, câmaras e sumidouros; o transporte das ossadas para depósitos secundários; o sepultamento primário de corpos; a cobertura progressiva por recristalização na formação de espeleotemas, todos estes processos estão descritos com precisão por Lund. As evidências testemunham a grande complexidade dos processos geomorfológicos nos sítios da região e a capacidade daquele cientista em discerni-los. Propor as primeiras interpretações para a arqueologia de Lagoa Santa foi tarefa árdua, para a qual foi feito um grande esforço que não prescindiu da ajuda científica internacional.

Alternando eventos de deposição e erosão, principalmente pela mudança drástica do clima na transição pleistoceno-holoceno, cada sítio apresenta feição única. Por isso as interpretações parecem, por vezes, quase contraditórias, se feitas apenas a partir de observações locais. Somente a acumulação de dados provenientes de escavações sistemáticas, detalhadas e apoiadas na multidisciplinaridade permitiu evidenciar de modo mais consistente o cenário. As conclusões científicas contraditórias ao longo dos últimos 160 anos refletem, entre outras, esta dificuldade.

No que se refere ao significado dos achados e seu contexto parece que, para a maioria dos arqueólogos brasileiros, muitas dúvidas ainda não foram satisfatoriamente respondidas. Qual é a antiguidade dos achados? As populações teriam ou não convivido com a fauna extinta? Como viveriam estes grupos? Teriam continuidade com os grupos atuais? Qual a origem dos grupos de Lagoa Santa?

Antes dos métodos de datação absoluta por isótopos radioativos, a estimativa da idade dos ossos era baseada na suposta fossilização e nos aspectos geológicos e geomorfológicos, ambas questões contraditórias na área.

A posição dos achados numa seqüência de eventos, mapeada a partir de cuidadosas observações estratigráficas, sempre ajudou a propor modelos. A formação dos pisos estalagmíticos e o depósito lento de cristais de calcita sobre os-

sos, por exemplo, foram parâmetros importantes. Com o estabelecimento progressivo de referências para uma cronologia absoluta, melhores modelos podem agora ser propostos.

Mesmo quando a grande antiguidade dos achados humanos era considerada aceitável, persistiria uma outra questão, seriam ou não contemporâneos aos animais extintos da megafauna? No contexto de um século XIX que descobria a evolução e a extinção de homens e animais, tentando emergir do criacionismo bíblico, verificar a continuidade ou descontinuidade das espécies através da paleontologia era um permanente desafio.

Nesse aspecto, alguns dos achados em situação de redeposição após transporte por águas de inundação obrigavam a que se considerasse cuidadosamente, por exemplo, a mistura dos materiais de diferentes idades, a desorganização ou destruição de varvas ou níveis de deposição de sedimentos pelas águas, e até mesmo as inversões nos depósitos, ocasionadas pelas erosões e redeposições em eventos sucessivos. Como enfatiza Lund⁵ em sua Primeira Memória.

A exploração das grutas, neste último caso, exige a maior atenção, porque pode suceder que os destroços dos animais recentes se achem, em vista da ação das águas, cobertos de terra, ou que os restos de seres fósseis, que jaziam sepultos, tenham sido lavados pela torrente e carregados para outros lugares, de modo a ser possível o desconhecimento de sua procedência e idade. Tive ocasião de verificar esses dois casos.

Ambos os problemas foram longa e repetidamente discutidos no exame das conformações complexas das grutas e abrigos, por diferentes pesquisadores. Dessa questão falaria ainda Padberg-Drenkpohl,⁶ quase um século depois, referindo-se à Lapa do Caetano.

É digno de nota que quase todas essas ossadas da 'Furna do Cassio' na 'Lapa do Caetano' foram encontradas dentro e debaixo de uma ou duas grossas camadas estalagmíticas, em profundidades de até mais de um metro, denotando assim grande antiguidade que se revela também pela fossilização completa.

E depois, diria o mesmo autor referindo-se à Lapa Mortuária de Confins.

(...) No interior da caverna, aliás pequena e aberta só pela nossa escavação tirando o entulho, iam cada vez mais rareando ossadas humanas. Em compensação, porém, lá se achavam, numa argila vermelha, sotoposta àquela terra pulverulenta, os restos da fauna antiga quaternária, revelando-se assim como mais antiga.⁷

O que realça o valor dessa jazida, evidentemente intacta, é o facto de ficar a base da ‘Lapa Mortuária’ 14 metros acima das águas máximas de um lago contíguo, sobtrahida ella assim, desde milênios, às invasões perturbadoras da água. É este precisamente, o ponto fraco das descobertas de Lund na Lapa do Sumidouro, que eu mesmo encontrei inundada. Pois bem, esse meu felicíssimo achado, até agora único, esclarece o problema da contemporaneidade em sentido negativo, como eu sempre conjecturara (...). O homem paleoamericano apresentase-nos até agora como relativamente recente, pós-diluviano ou pós-pleistoceno (...).⁸

Algumas décadas depois Wesley Hurt, da missão americano-brasileira que pesquisou em Cerca Grande, Lagoa Santa, no ano de 1956, assim descreveria os processos de transformação que observava.

O leito do salão era bem seco, pulverulento, e tinha a cor de cimento sujo.

Superficialmente, a camada superior do conteúdo parece com cinzas, mas, aparentemente, uma grande parte deste material formou-se pela desintegração do calcáreo e, possivelmente pela cal trazida em solução na água mineral.

Misturadas nas camadas mais superiores, porém, estavam depósitos definidos de cinzas e camadas de carvões.

Ao longo da parede posterior da câmara superior estão vestígios de camadas conglomeradas que se formaram numa data desconhecida, no passado.

O conglomerado é composto de rocha e cascalhos que haviam sido levados para dentro da gruta, pela água, e consolidado pela cal carregada em solução no gotejar do teto da gruta. Numa data posterior, a erosão removeu a maior parte do conglomerado da gruta.

Os depósitos na gruta, formados desde esse período, são soltos e consolidados. Esses depósitos parecem ter vários metros de espessura, julgando pelo que está exposto através de uma fenda ao longo da parede do lado leste, do salão principal (do Abrigo número 1).

O chão deste salão não revela quaisquer sinais da inundação do lago não perene que fica em frente à gruta. Sem dúvida, desde o período de ocupação indígena, este lago subiu a um nível suficiente para inundar a gruta.

Esta conclusão está indicada pela marca deixada pela água no Abrigo Rochoso adjacente, número 2, no qual foram apagadas parcialmente as pinturas.⁹

Este mesmo autor ao escavar em Cerca Grande usou pela primeira vez a datação pelo C-14, concluindo que as mais antigas ocupações de Lagoa Santa estariam em torno de 10 mil anos. Finalmente, após mais de um século, se estabeleceu com clareza o horizonte cronológico para estes tão discutidos achados.

Como consequência de datas seguras, as associações estratigráficas contraditórias passam a ser mais claramente verificadas, e a contemporaneidade

com a fauna extinta, proposta de início, mas posta em dúvida em sucessivos momentos, ganha contornos mais realistas, sendo recolocada como possibilidade por aqueles autores.

Embora nenhuma associação de ossos humanos com o de animais extintos do Pleistoceno fosse encontrada nas escavações de 1956, as datas indicadas por radiocarbono de c.a 8.000 a.C. (não corrigid,a) de depósitos culturais do Abrigo Rochoso número.6, Cerca Grande, podem indicar que o homem viveu na região quando tal fauna, como o Mylodon, Mastodon e o urso da caverna, ainda existiam.

Esta conclusão, contudo, deve ser aceita com muita cautela, considerando-se que essas são somente duas datas de uma única gruta, e que todos os outros achados mencionados do homem e de animais extintos da Lagoa Santa são, ou não bem documentados, ou aparentam ocorrer em depósitos secundários.¹⁰

No afã de buscar evidências, não foram apenas profissionais, mas também amadores, que se dedicaram a explorar a região por décadas. Curiosamente, os seus resultados ainda auxiliavam o trabalho nos anos 70, como lembra Prous (1992:129).

O amador Helio Diniz pode então coletar ele mesmo, alguns esqueletos que pertencem à raça de Lagoa Santa e instrumentos líticos. Helio Diniz para comprovar suas afirmações, nos mostrou ossos humanos presos à parte inferior de piso estalagmítico. Em 1971, estivemos com A. Laming-Emperaire no Abrigo 6 onde verificamos a existência de carvões presos na parte inferior do que sobrava, *in loco*, do piso que havia marcado o fim das escavações de W. Hurt. Os achados de Helio Diniz, portanto, estão separados da amostra datada por Hurt de 10.378 + 122 BP, por uma camada espessa de calcita, podendo perfeitamente ser pleistocênico.

Na década de 1970, a missão franco-brasileira liderada pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire, apesar de subitamente interrompida pela sua morte, chegou a produzir resultados que confirmaram os achados anteriores apontando para a grande antiguidade daqueles testemunhos pré-históricos. Tal como assinala o trecho abaixo, a descontinuidade da ocupação na região, tema de discussões dos primeiros pesquisadores parece ser sempre um problema renovado:

No Grande Abrigo da Lapa Vermelha, como no abrigo com pinturas de Caieiras, a antiguidade da presença do homem foi confirmada por datações de 9.580 e 9.600 anos. Fato curioso, estas duas datas são equivalentes quase exatas

da data mais antiga já determinada para Cerca Grande, ou seja, 9.720 anos. O que se passou no início do oitavo milênio antes de Cristo (entre 7.900 e 7.500 anos antes de Cristo) na região de Lagoa Santa para que três dos quatro sítios para os quais se têm datações tenham sido habitados nesta época? Nada sabemos.¹¹

Lagoa Santa não pareceu ser, jamais, uma questão simples. A complexidade geomorfológica dos abrigos, e, por conseguinte, a dificuldade de interpretar seu conteúdo arqueológico, voltaria a ser lembrada na Lapa Vermelha. Mais tarde, o achado do esqueleto humano da Lapa Vermelha IV – cujos ossos foram encontrados dispersos, em diferentes níveis arqueológicos, datados com intervalos de até 2 mil anos – foi discutido por Cunha & Guimarães. A condição de redeposição e a proximidade de níveis estratigraficamente ainda mais antigos, numa estrutura composta de camadas holocênicas e pleistocênicas, tornou a interpretação deste achado mais um desafio de Lagoa Santa aos seus investigadores.¹²

A revisão dos trabalhos de época deixa claro que a arqueologia tecnicamente instrumentada, a duas décadas do final do século XX, ainda tinha dificuldades para organizar com clareza as hipóteses sobre a antiguidade da ocupação humana primeva de Lagoa Santa, bem como esclarecer definitivamente a existência de uma contemporaneidade com a fauna pleistocênica.

Certamente, a despeito da complexidade dos sítios de Lagoa Santa, a pressão por manter coerência com o modelo hegemônico para povoamento da América, aceitando como única hipótese a entrada pelo estreito de Bering e a precedência da cultura *Clovis* dificultavam, como ainda dificultam, a aceitação da antiguidade de algumas ocupações pré-históricas na América do Sul.

Na Lapa Vermelha, ossos humanos da hoje popular *Luzia*, encontrados re-depositados na camada holocênica, foram interpretados como deslocados a partir de seu depósito sobre um antigo perfil pleistocênico erodido. Sua posição e estado de conservação, com ênfase no que se considerou “não fossilização”, foi valorizado para reforçar a hipótese de menor antiguidade. Tal como enfatizaram Cunha & Guimarães, sua situação secundária, dificultaria a datação segura, apesar da ocorrência nos mesmos níveis de ossos e dentes de fauna extinta.

A camada holocênica [que preenche o espaço vazio ou corredor] é fácil de se distinguir porque ela se apresenta, de certo modo, estratificada, com a aparência de uma disposição rítmica, e situa-se entre o depósito pleistocênico a oeste e a escarpa calcárea (calcáreo Bambuí) à este. Os ossos humanos foram localizados

dentro desta camada holocênica (...) Admitimos como explicação plausível que primeiro os ossos achavam-se sobre o depósito pleistocênico, ainda na fase holocênica, pouco depois do início da sedimentação lacustre holocênica propriamente dita. Posterior e paulatinamente, os ossos foram sendo removidos suavemente, em concordância com os movimentos oscilatórios das águas do lago. Isto se justifica porque os ossos, com exceção dos fragmentos do fêmur, encontram-se em bom estado de conservação, embora muito frágeis. Toda a parte vazia interior dos ossos encontrava-se preenchida pelos sedimentos avermelhados lacustres (...). O crânio, por exemplo, deve ter sido o primeiro a se depositar (33 B1 – 12,95m). O incisivo superior esquerdo (IIE) do mesmo crânio, só foi depositado cerca de dois mil anos depois, isto é, 2m acima do crânio.¹³

Ainda segundo estes autores:

Os ossos [humanos] não mostravam sinais clássicos de fossilização. Seu estado é, depois de limpos, semelhante ao da fauna de vertebrados. Os ossos não foram rolados e sim transportados suave e lentamente, de um ponto para outro, dentro do mesmo ambiente.¹⁴

Continuador das pesquisas na região, nas décadas subseqüentes, André Prous,¹⁵ ainda nas décadas de 1980 e de 1990 do século XX, segue encontrando muitas dificuldades na interpretação das camadas arqueológicas, dificuldades causadas quer pelo uso antrópico intenso dos abrigos, quer pela intercorrência dos eventos geomorfológicos.

As pesquisas mais recentes, entretanto, já estão apoiadas em cronologias absolutas mais numerosas e precisas, obtidas tanto de lentes de carvão e cinzas, encontradas em pisos de origem humana, quanto no exame de fragmentos de materiais orgânicos. Na Serra do Cipó, no Grande Abrigo de Santana do Riacho, por exemplo, embora a erosão tenha reduzido os volumes de pisos mais antigos, que passaram a ser preenchidos por sedimentos de níveis mais recentes, uma estratigrafia clara de ocupações humanas permitiu a interpretação cronológica, e sua relação com os períodos climáticos mais relevantes, como indicado por Prous:

Os primeiros homens que penetraram no abrigo, cerca de 12 mil anos atrás, encontraram o patamar inferior ocupado por grandes blocos que tornavam a superfície caótica. Instalaram-se, portanto, no abside natural formado na plataforma norte (na altura dos painéis IX e X), cujo chão era razoavelmente plano. Os seus vestígios foram posteriormente erodidos, mantendo-se apenas contra o paredão (onde uma espessa lente de cinzas sugere uma fogueira de longa duração).¹⁶

Desse modo, quer tentando seguir pisos estalagmíticos, ou as transições mais sutis dos níveis pleistocênicos erosionados; quer se defrontando com a conservação variável das estruturas e testemunhos, com os sinais da intensa ação antrópica, ou com o impacto de milênios de grande variação climática, os pesquisadores, há quase dois séculos, vêm desafiando a capacidade da ciência. Em voltas sucessivas sobre o tema, buscam modos cada vez mais sofisticados de ler a presença do homem pré-histórico em contexto geomorfológico do Quaternário recente, na esperança de provar, em definitivo, sua antiguidade.

A ARQUEOLOGIA DE LAGOA SANTA: PARADIGMAS EM MUDANÇA

Memórias deixadas por naturalistas viajantes já assinalavam a presença de vestígios pré-históricos nas regiões do interior de Minas Gerais, mas foi somente em 1834, quando Peter Willelm Lund iniciou trabalhos sistemáticos no Vale do Rio da Velhas, que a região tornou-se notoriamente de interesse arqueológico.

Este dinamarquês fixou residência em Lagoa Santa, onde fez pesquisas paleontológicas. Registrando também a presença de sítios arqueológicos, chegou a retirar ossos humanos dos depósitos que julgara inicialmente apenas fossilíferos, e registrou a presença de sítios arqueológicos, sempre que pode reconhecê-los. Entre tais registros estão inclusive sinalações rupestres como as da Lapa das Poções, em Cerca Grande, e da Pedra dos Índios.¹⁷

A primeira escavação que propiciou o achado de ossos humanos foi realizada em 1840, durante os trabalhos de pesquisa paleontológica feitos na lagoa existente no fundo da gruta do Sumidouro. Lá foram encontrados ossos humanos secundariamente depositados, misturados a fósseis de animais pleistocênicos extintos.

O achado de restos de mais de 30 indivíduos, e sua associação com a megafauna, estendeu a polêmica existente sobre o porque da extinção de algumas espécies e não de outras, passando a incluir também o homem. Lund refere achar pouco provável que a humanidade não fosse tão antiga no Brasil quanto os animais extintos, e menciona curiosamente em suas Memórias que questão semelhante ainda era motivo de investigação também na Europa.

Falando de seus achados, o naturalista é o primeiro a reconhecer como, ao cabo de muito trabalho, acabara por mudar de opinião, passando a aceitar

a contemporaneidade do homem com a fauna extinta, baseada na cuidadosa análise do processo pelo qual se dera a deposição dos materiais, a qual excluía a partir de evidências empíricas a hipótese de mistura posterior das ossadas.

(...) quando inesperadamente, depois de sete anos de baldadas pesquisas, tive a fortuna de encontrar os primeiros restos de indivíduos da espécie humana sob circunstâncias que admitiam pelo menos a possibilidade de uma solução contrária da questão

Achei esses restos humanos numa caverna que continha, misturados com eles, ossos de vários animais de espécies decididamente extintas (*Platyonyx Buklandii*, *Chlamidotherium Humboldtii*, *C. majus*, *Dasypus sulcatus*, *Hydrochoerus sulcidens* etc.) circunstância que devia chamar toda atenção para as interessantes relíquias. Apresentavam eles, além disso, todos os caracteres físicos de ossos realmente fósseis. Estavam em parte petrificados em parte impregnados de partículas férreas, o que dava a alguns deles um brilho metálico semelhante ao bronze, assim como um peso extraordinário.¹⁸

Tendo sido antecédidos de apenas alguns anos pelos dois primeiros achados de crânios Neandertal na Europa (Lazareto, em Nice, na França, em 1826 e Engis, na Bélgica, em 1829), os achados de Lund foram, como ele mesmo acentuou, precursores, dando-se num momento em que ainda não se havia acumulado conhecimentos paleontológicos sobre o surgimento do homem, e a própria discussão do paradigma evolucionista estava por firmar-se.

Com sua publicação sucedida por dois outros achados – o de Forbe Quarry, em Gibraltar, em 1848, e o de La Chaise, também na França, em 1850 – os achados do Sumidouro se deram, obviamente, no contexto inicial de descobrimento de fósseis humanos, alimentando a efervescência das controvérsias entre as teorias evolutivas e os dogmas religiosos.

A aceitação por Lund, da antiguidade do chamado “Homem de Lagoa Santa” e sua convivência com animais extintos, foi informada em correspondência pessoal ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tal como refere Mendonça de Souza:¹⁹

À vista dos fatos que acabo de referir, não pode, pois, restar dúvida alguma de que a existência do homem neste continente data de tempos anteriores à época em que acabaram de existir as últimas raças de animais gigantescos (...)

Tais achados apresentam como pano de fundo a discussão sobre o povoamento do continente Americano. Num cenário em que ainda se discutia se os povos indígenas americanos realmente teriam origem no Velho Mundo ou seriam autóctones, e que os achados na Europa e na Ásia despontavam timidamente, discutia-se a aparente contradição entre o que fora encontrado no Brasil e as teorias vigentes, como no trecho que se segue:

Vemos, pois, que a América já era habitada em tempo em que os primeiros raios da história não tinham ainda apontado no horizonte do Velho Mundo, e que os povos daquela época, que aqui habitavam, eram da mesma raça que os habitantes desta região nos tempos do descobrimento. Estes dois resultados, na verdade, pouco harmonizavam com as idéias geralmente aceitas sobre a origem dos habitantes desta parte do mundo (...)²⁰

(...) se considerarmos que a natureza procede do imperfeito para o perfeito; que esta parte do mundo é, do ponto de vista geológico, considerada antiga; enfim, que o exame da caverna em questão nos leva a admitir a habitação desta parte do mundo desde os tempos mais remotos, devemos convir, segundo creio, que temos boas razões para emitir, ao lado de conjecturas ainda menos firmes, uma opinião que causaria a modificação total da relação cronológica que se estabeleceu até hoje entre as duas raças de que falamos.²¹

O trabalho feito em Lagoa Santa na primeira metade do século XIX teve destaque mundial, e o pensamento do dinamarquês, suas idéias sobre a extinção da megafauna, e sobre a formação das jazidas paleontológicas e arqueológicas, influenciou internacionalmente. Com o envio da coleção pré-histórica de Lagoa Santa para a Dinamarca, no final do século XIX, o material passa a ser acessível a pesquisadores internacionais, que passarão a descrevê-la e a publicar.

Entretanto, após Lund, o primeiro arqueólogo a testar em campo a proposição da contemporaneidade do homem com a fauna extinta, foi Padberg-Drenkpohl, que somente cerca de um século depois viajou em missões de pesquisas do Museu Nacional (1926 e 1934), para trabalhar na região de Cerca Grande. Deste trabalho, infelizmente, ficaram apenas relatórios sucintos.

Tendo realizado uma proporção pequena de trabalhos de campo, mas concentrando-se nos achados arqueológicos, este autor partiu com o objetivo explícito de contestar as conclusões de seu antecessor, razão pela qual foi veementemente combatido por outro grupo de aficionados, que começavam a reunir-se na mesma época, o grupo da Academia de Ciências de Minas Gerais. Em relatório da viagem, diz Padberg:

Achando nessa lapa, que batizei de Lapa Mortuária, relíquias de uns 80 indivíduos humanos e muitos restos, especialmente dentes de animais extintos, mormente grandes, como de mastodonte, cavalos indígenas, *Macharuchenia* etc., a escavação foi feita sistematicamente, com auxílio de mais de meia dúzia de operários, durante todo o mês de outubro, acompanhando tudo com apontamentos, desenhos, photographias etc. Verificou-se que os restos humanos (entre os quais um ou outro esqueleto quase completo: os primeiros conhecidos da ‘raça de Lagoa Santa!’ – meia dúzia de crânios bem mensuráveis, mais de 50 mandíbulas, inúmeros dentes e especialmente muitos ‘rochedos’, i.e., as partes petrosas do osso temporal, muitas vezes a única testemunha dum indivíduo, estavam sem ordem, às vezes debaixo de grandes lajes ou blocos calcáreos (...).²²

Missão subsequente foi empreendida por Bastos de Ávila, Rui de Lima e Silva e Ney Vidal, também enviados pelo Museu Nacional, em 1937. Estes, com base no achado de um sítio que continha sepultamentos em situação primária, sob lajes de pedra, limitariam-se a dizer pouco dos mesmos, não chegando a contribuir para a discussão.

Outras missões de pesquisa se seguiram, conduzidas pela Academia de Ciências de Minas Gerais, onde Harold Walter, Arnaldo Cathoud e Anibal Matos iniciariam seus trabalhos em 1933, escavando numerosas grutas e abrigos e publicando até a década de 70. A coleção formada na época, hoje sob guarda da Universidade Federal de Minas Gerais, ainda é estudada, apesar dos problemas representados pela falta de informações de campo que satisficam as exigências metodológicas atuais.

Depois de Lund, este foi o grupo que realizou a mais intensiva e extensiva escavação das grutas de Lagoa Santa, reunindo um vasto acervo. Sua busca exaustiva, entretanto, não tinha o cuidado de preservar testemunhos dos depósitos arqueológicos pesquisados, o que impossibilitou a volta aos sítios com novas abordagens técnicas, para verificar suas afirmativas.

Segundo Prous,²³ os trabalhos de Walter, principalmente o achado do chamado “Homem de Confins”, representaram um esforço para divulgar internacionalmente os achados de Lagoa Santa, levantando nova polêmica e motivando a vinda da missão arqueológica americana no Brasil. Convencido da contemporaneidade entre os grupos primevos de Lagoa Santa e a megafauna, afirmaria Walter:

Durante 15 anos de exploração e escavação dos depósitos em lapas e abrigos o autor tem conseguido uma coleção relativamente boa da fauna pleistocênica, algum material indígena e em alguns lugares separados revelou dois esqueletos humanos junto com animais extintos.

Na Lapa de Confins foram encontrados em 1935 um crânio e outros ossos humanos numa profundidade de dois metros abaixo de uma camada de estalagmite. O depósito desta caverna produziu, durante três anos de escavações uma variedade de animais extintos como urso, preguiça terrestre, lhama, mastodonte etc. Talvez o Homem de Confins tenha chegado nessa localidade no fim do pleistoceno, quando muitos mamíferos que hoje estão extintos ainda existiam na região.²⁴

Com o intuito de demonstrar cientificamente suas interpretações, Walter investiu em verificações científicas objetivas, tais como análises químicas, na tentativa de provar a antiguidade e a condição de fossilização dos ossos, humanos e animais. Através das análises químicas comparativas entre ossos animais e do Homem de Confins, logrou por algum tempo a aceitação de sua tese de contemporaneidade entre os homens e a fauna pleistocênica extinta.

Tendo a preocupação em editar em livros bilíngües – inglês/português – suas idéias, Walter voltou a colocar internacionalmente a questão de Lagoa Santa.

Uma missão americana viria ao Brasil na década de 1950, liderada por Wesley Hurt, que encontrou e descreveu um conjunto funerário numeroso com datação que chegou aos 10 mil anos.²⁵

Seguiu-se outra grande missão estrangeira em Lagoa Santa, a missão franco-brasileira, inicia-se em 1971 sob a liderança de Annette Laming-Emperaire. Dela participam nomes de arqueólogos como Águeda Vilhena, hoje Vialou, Maria Beltrão, André Prous e Niède Guidon, de paleontólogos como Fausto Cunha, além de vários outros pesquisadores nacionais e estrangeiros. Após numerosas sondagens, uma grande escavação é finalmente iniciada na Lapa Vermelha IV. Se, por um lado, não são encontrados cemitérios ou estruturas de habitação que proporcionassem reconstruções seguras, essa missão traz à luz um conhecimento muito detalhado da gênese de um sítio de Lagoa Santa e, tal como já visto anteriormente, dos riscos e dificuldades de sua interpretação.²⁶

Um crânio admiravelmente bem conservado, semelhante a tantos outros retirados dos sítios de Lagoa Santa, acabou por tornar-se o produto mais destacado deste trabalho. Sua datação, que antes era relativa e conflituosa, só recentemente pôde ser feita a partir do exame de um pequeno fragmento ósseo. Esse crânio, que passou a ser conhecido na mídia como *Luzia*, é ainda um dos mais bem conservados exemplares de Lagoa Santa, mostrando sua morfologia craniana mais característica.

Embora o achado da Lapa Vermelha IV tenha sido considerado para muitos como não conclusivo da contemporaneidade do homem com a fauna extinta, esta interpretação não foi consensual, e outra das velhas polêmicas se reacendeu.

O tema da antiguidade e contemporaneidade do homem com a fauna extinta foi tratado por Prous ao descrever ossos, modificados de maneira que sugeria ação humana, encontrados em Lagoa Santa e também de Brejões, na Bahia. Embora lembrando que a megafauna parece ter persistido até o Holoceno no Brasil, este autor argumenta também com o achado de materiais líticos em níveis pleistocênicos, dizendo:

Todos estes vestígios não podem, em hipótese alguma, ser atribuídos a causas naturais, ao contrário do que acontece com as marcas de dentes de roedores, que formam numerosas estrias paralelas ao final da crista. Estas últimas foram feitas pelos animais depois do abandono do osso pelo Homem, mas antes dele ter sido levado pelas águas.

Portanto não temos mais dúvidas sobre a contemporaneidade do Homem com a megafauna no Brasil, sem que os contactos tenham de ser atribuídos, *ipso facto*, ao período pleistocênico. O aproveitamento alimentar nos parece inquestionável, e a utilização do osso como instrumento, bastante provável (Haplomastodon de Borges).

(...)

Concluindo esta apresentação, lembraremos que há tempo que se podia esperar indícios concretos de relacionamento entre paleoíndio e megafauna: mesmo se o significado das datações mais antigas da Lapa Vermelha (22.410 e 25.000 AP) é discutível, como explicamos no ano passado em Goiânia, a existência de instrumentos retocados há mais de 15.400 anos neste sítio, de várias datações também antigas tanto em Minas Gerais quanto em outros estados do Brasil, fazem com que tenhamos certeza de que durante os milênios de convívio, pelo menos a caça devia ter existido. Portanto os ossos trabalhados que apresentamos não nos parece ser revolucionários; mas, pelo menos trazem uma prova concreta.²⁷

Nas últimas décadas, pesquisas sistemáticas da equipe do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, lideradas por André Prous, seguiram trabalhando metodicamente nos sítios. Hoje o trabalho está concentrado na região a nordeste do Planalto de Lagoa Santa, local em que, ao contrário do que ocorre com os sítios de Pedro Leopoldo, Confins e outros a sudoeste do Planalto, ainda há sítios preservados permitindo melhores pesquisas.

Recentemente, foi possível a comprovação da contemporaneidade do Homem de Lagoa Santa e a fauna extinta, por Walter Neves (veja artigo de Neves, neste volume), através da datação direta de um osso de *Catonyx cuvieri* prove-

niente da Gruta Cuvieri, cuja idade medida a partir do colágeno foi de 9.990 +- 40AP (Beta 165398), aproximando definitivamente os achados de ossos humanos e de animais extintos na região, o que responde a uma velha dúvida da arqueologia e da paleontologia brasileira.

O “HOMEM DE LAGOA SANTA”: QUESTÕES PARA A BIOLOGIA HUMANA

Desde o início, os achados arqueológicos em Lagoa Santa foram motivo de publicação internacional, e esse interesse voltava-se principalmente para a questão que mais motivava os morfologistas humanos: a craniologia.

Discussões morfológicas sobre aqueles homens pré-históricos chegaram a envolver autoridades mundiais como Virchow.

Da mesma forma como procedia com os animais, Lund interrogou se os homens que encontrara nas cavernas em Lagoa Santa representariam um grupo extinto (como os megatérios?) ou seriam ancestrais dos grupos indígenas atuais? Refletindo sobre seus achados, comparou-os com o “rato-do-espinho”, pequeno roedor que persistiu na região desde tempos muito antigos.

Analisando a morfologia craniana considerou-a “primitiva”, principalmente o que pensou ser um tipo de crânio com arcos superciliares mais proeminentes e de testa fugidia. Talvez esta suposição, da presença de uma forma humana mais “primitiva” em Lagoa Santa, tenha contribuído para motivar a busca de outros exemplares arcaicos na América, entre os quais pode ser citada a famosa calota de Uruburetama, encontrada em uma caverna em Quixeramobim, Ceará, e analisada por Quatrefages.

Certo do valor da craniologia para a taxonomia humana evolutiva, Lund e outros especialistas analisaram os achados bem preservados de Sumidouro, comparando-os a outros crânios humanos conhecidos. As questões colocadas naquele momento são discutidas até hoje: quais são as relações biológicas entre a população pré-histórica mais antiga de Lagoa Santa e outros grupos indígenas americanos? Qual a possibilidade de que tenham se extinguido? Qual a sua origem? Sobre estas questões conclui o dinamarquês em sua época:

Admitindo-se agora a hipótese duma origem comum para as duas raças, e sendo a raça mongólica a raça primitiva, deve-se considerar, forçosamente, a raça americana como uma degeneração daquela.²⁸

E curiosamente, invertendo o que se propõe atualmente:

Segundo esta hipótese, deveríamos supor que, quanto mais retrocedêssemos para os tempos passados, tanto mais se aproximariam estas duas raças, uma da outra em seus caracteres físicos.

Aqui, como ao longo dos diferentes momentos em que se trabalhou Lagoa Santa, a interpretação dos pesquisadores, buscando ajustar os dados empíricos aos paradigmas e modelos da época, responderam as questões reiteradas para Lagoa Santa, por vezes, de maneira contraditória.

No século XIX e no início do século XX, numerosos trabalhos foram publicados ou apresentados por diferentes autores, sobre o tema “raça de Lagoa Santa”, inicialmente com base em coleção na Dinamarca, e depois nos exemplares progressivamente reunidos pelas missões subseqüentes. Nesse debate se inseriu também João Baptista de Lacerda que, lamentando não ter acesso aos demais esqueletos de Lagoa Santa, na Dinamarca comparou único exemplar que ficara no Brasil aos exemplares de Botocudo que estudava preocupado:

Um dos elementos formadores, pelo menos, deveria ser francamente dolicocefalo e hipsistenocéfalo e nós o encontramos patenteado no homem fóssil da Lagoa Santa, com um índice de largura = 69,72, um índice de altura = 78,32 e um índice transverso-vertical = 110,84 (...)

Reatemos agora o fio de toda essa exposição, que teve por fim procurar a filiação dos nossos Botocudos.

Pelos caracteres do crânio cerebral, eles se aproximam mais da raça de Lagoa Santa, porém pelos caracteres da face são parentes próximos da raça dos sambaquis. Quanto aos índices nasal e orbitário, conservam o meio termo entre os dois.

Não será o Botocudo resultado do entrecruzamento destas duas raças?(...)²⁹

E ainda, acatando a sua classificação na raça “Lácida”, afirma

Se em nossa opinião o crânio descoberto por Lund é uma peça típica, pode haver quem o considere como uma variação individual de uma raça quaternária, ainda hoje representada em algum canto apartado do território da América (...)

Depois de Lacerda, outras análises foram desenvolvidas fora do Brasil, mas dentro do País pouco foi produzido de modo detalhado.

Os primeiros estudos sistemáticos do material de Lagoa Santa voltaram a ser desenvolvidos a partir da década de 1960, quando começa a destacar-se a produção de Marília Carvalho de Mello e Alvim, antropóloga física também do Museu Nacional, que dedicaria vários anos e parte expressiva de sua produção a tais questões. Trabalhou com base na osteometria de Martin-Saler, buscando analisar não apenas os crânios, mas diferentes ossos, caracterizando o grupo primevo de Lagoa Santa do ponto de vista osteológico e osteométrico, em sucessivos trabalhos sistemáticos.

Embora esta autora também não tenha tido oportunidade de estudar o material que está fora do Brasil, dedicou-se a explorar detalhadamente todo o material já acumulado nas diferentes instituições nacionais, e realizando a mais cuidadosa revisão dos dados existente à respeito de Lagoa Santa, publicada em 1977.

Repetindo a tentativa de comparação com os Botocudos, refuta a semelhança defendida por Lacerda, mas levanta uma interessante hipótese de analogia com o grupo Nhambiquara. Realizou uma série de publicações monográficas, com base na análise de cerca de 200 exemplares provenientes de 13 sítios diferentes, incorporando os achados mais antigos das equipes do Museu Nacional, das missões americano-brasileira e franco-brasileira, do grupo da Academia de Ciências de Minas Gerais, e de outros pesquisadores isolados, para fazer sua síntese sobre a osteologia de Lagoa Santa. Mais tarde analisou também os materiais escavados na década de 1980 pela equipe da Universidade Federal de Minas Gerais em seus estudos.

Confirmou pela comparação das diferentes séries populacionais a existência de uma morfologia que considerou pouco variável, definindo Lagoa Santa como uma população distinta, tal como proposta por Lund e outros. Discutiu seu aparente isolamento, e problematizou sua persistência temporal, que considerava contraditória, do ponto de vista evolutivo, com a pequena variabilidade morfológica que encontrara nos diferentes materiais analisados.³⁰

Admitindo também, tal como já haviam assinalado autores anteriores, que Lagoa Santa não tinha traços tipicamente mongolizados, Mello e Alvim entretanto, não questionam sua inclusão no tipo Lácida. Interpreta-os como uma variação morfológica possível dentro das populações indígenas das Américas. Dessa forma, também não encontrou impedimento para a interpretação de que fossem originários da Ásia, tal como os outros grupos Ameríndios, apoiando o paradigma hegemônico.

Tendo a oportunidade de analisar crânios encontrados pelo paleontólogo Castor Cartele em uma caverna do interior da Bahia, levantou pela primeira vez a hipótese de que os grupos de Lagoa Santa pudessem ter ocupado outras regiões do País.

Em suas conclusões sobre os grupos primevos de Lagoa Santa, afirma:

As variações morfológicas individuais, relativamente pouco acentuadas, inerentes à cada conjunto esquelético, repetem-se mais ou menos uniformemente nos demais.

Ao lado destas variações individuais, o material ósseo humano aqui analisado – restos esqueléticos de 180 a 200 indivíduos – apresentam um somatório de elementos morfológicos comuns, capaz de caracterizá-lo como pertencente a uma população muito homogênea (...)

Uma vez aceita a unidade antropofísica do Homem de Lagoa Santa, a permanência de um mesmo padrão morfológico, durante tão longo tempo, só é admissível se considerados os seguintes fatores:

- a) a baixa densidade demográfica e potencial relativamente homogêneo do grupo primevo;
- b) ausência, na área, de grupos morfológicamente distintos;
- c) confinamento geográfico;
- d) relativa estabilidade ambiental.³¹

Voltou ao tema da proximidade biológica com outros grupos na década de 1980, quando tentou refazer as comparações osteológicas em bases metodológicas mais modernas, pela aplicação dos estudos de traços não-métricos cranianos e o cálculo de distâncias biológicas. Aqui, uma vez mais, os resultados parecem contraditórios, pois encontrou valores baixos de distância genética entre a série esquelética de Lagoa Santa e os construtores do sambaqui de Cabeçuda, de Santa Catarina; os índios Tenethara, do Maranhão; o grupo do cemitério da Furna do Estrago, de Pernambuco; e, é claro, os bem conhecidos Botocudos, do sudeste. Uma vez que não encontrou distâncias genéticas que permitissem afirmar diferenças substanciais, tanto para os grupos pré-históricos quanto para os grupos atuais,³² atribuiu o resultado aos limites da ferramenta metodológica que utilizara tendo em vista o pequeno lapso de tempo – 10 mil anos – considerado no estudo. Concluem Mello e Alvim & Mendonça de Souza:

A menor medida média de divergência é entre a amostra de Lagoa Santa e a dos índios Botocudos (MD=0,1268 + 0,00298). Segue-se, com pequena diferença, a divergência encontrada entre a amostra dos construtores do Sambaqui de Cabeçuda e o grupo de Lagoa Santa (MD=0,1327 + 0,00325). A distância entre a

amostra de índios Botocudos e a do grupo do Sambaqui de Cabeçuda é de 0,1526 com desvio-padrão de 0,00266.

As pequenas distâncias biológicas entre os índios Botocudos e o grupo primevo de Lagoa Santa e os ‘construtores’ do Sambaqui de Cabeçuda, indicam que eles constituem um agregado de populações muito afins.³³

Outros autores, ainda no final do século XX, revisitaram os esqueletos de Lagoa Santa, sempre buscando elementos que permitissem verificar a hipótese da sua especificidade morfológica. Considerando, por exemplo, sua dentogênese, foi observado na série populacional mais recente que os dentes parecem ter um padrão peculiar, não sendo possível afastar de imediato a base genética para isto.³⁴

A morfologia craniana da coleção existente na Dinamarca, revisada por Sotto-Heim embora tendo as características exaustivamente descritas, pareceu àquela autora ter variabilidade interna suficiente para ser interpretada como mosaico, o que seria esperado numa população geneticamente pouco diferenciada, tal como afirma a autora:

Desta forma, os homens de Lagoa Santa não parecem mais como o arquétipo do povoamento original da América, mas o que se confirma por estudos comparativos com outras populações paleoíndias é uma certa unidade, constatando-se uma relativa variabilidade dos caracteres que sugere uma distribuição em mosaico que parece resultar da diversidade de origem a partir do estoque euro-asiático existente no paleolítico superior.³⁵

Finalmente, ensaiando hipóteses acerca da paleodemografia foram obtidos dados coerentes com a hipótese de desaparecimento dessa população, talvez substituída por outras mais recentes, em decorrência de um perfil elevado de mortalidade entre crianças e adolescentes e uma baixa expectativa de vida para a população como um todo. Tais dados, ainda que prejudicados pela série populacional reduzida, poderão vir a ser confirmados em estudos futuros.³⁶

Num espaço especial de discussão encontram-se as calotas cranianas de morfologia robusta em Lagoa Santa.

Esse debate foi reeditado pelo achado, na década de 1970, de uma calota craniana, misturada à coleção paleontológica Harold Walter, em Minas Gerais. Publicada em 1978 e depois em 1984, por Alan Bryan e Owen Beatie, da Universidade de Alberta, Canadá,³⁷ esta misteriosa peça, cuja foto mostrava arcos superciliares impressionantes, foi também objeto de interesse internacional, e permaneceu num longo hiato de mistério, até que se provasse ser apenas uma montagem.³⁸

Na última década, estudos feitos por Neves e colaboradores³⁹ encarregaram-se de trazer de volta outra questão que parecia ter sido definitivamente resolvida: a origem evolutiva dos grupos de Lagoa Santa.

Retomando análises craniométricas, mas valendo-se de diferente metodologia, este autor e seu grupo lograram aproximar o grupo de Lagoa Santa, em especial alguns exemplares como o crânio feminino de Lapa Vermelha IV, de séries não mongolizadas, negróides e australóides, voltando a levantar uma grande polêmica que coloca em questão os modelos de povoamento pré-histórico da América.

Reforçando a possibilidade de ser a população de Lagoa Santa, como outras populações americanas de mais de 7 mil anos, proveniente de migração muito antiga de grupos não mongolizados, estes novos achados trouxeram de volta e com força para o cenário científico, uma polêmica de 160 anos.

A possibilidade de que as ocupações humanas em Lagoa Santa, como em outros sítios da América do Sul, sejam anteriores à cultura *Clovis*, está cada vez mais demonstrada. A possibilidade de que esses grupos representem uma Quarta leva migratória, não sinodonte, como defendem Neves e Powell (veja artigo de Neves neste volume), está francamente em consideração. A possibilidade de que aqueles homens tenham convivido com a fauna extinta parece cada vez mais natural.

Mesmo que datações não sejam obrigatoriamente altas nos sítios de Minas Gerais, os esqueletos gráteis do Homem de Lagoa Santa voltam a chamar atenção internacional para um cenário de povoamento das Américas mais rico e complexo do que se vinha admitindo nos últimos anos. Muitas idéias antigas parecem recicladas, é claro, à luz de novos argumentos arqueológicos e antropológicos, e os modelos de povoamento da América estão sendo repensados.⁴⁰

Os grupos pré-históricos chamados de primevos habitantes de Lagoa Santa e seus numerosos e intrincados testemunhos arqueológicos, parecem reservar sempre surpresas desafiando antropólogos e pré-historiadores a decifrá-los.

CONCLUSÃO

O conhecimento acumulado sobre fósseis humanos e pré-humanos no século XX, e a constatação de antiguidades pleistocênicas e morfologias humanas muito mais arcaicas no Velho Mundo, excluiu definitivamente os achados na América da relevância dos temas evolutivos, fazendo com que os achados do século XIX em Lagoa Santa se tornassem apenas um dado pré-histórico a mais. A consolidação do modelo de povoamento das Américas por Bering

associado aos sítios *Clovis* estabeleceu um marco referencial sólido a partir do qual todo o material sul americano passou a ser interpretado.

Apesar da antiguidade dos achados em Lagoa Santa ser proposta com argumentação científica há décadas, a hipótese destes achados serem prova de uma grande antiguidade do povoamento Americano permaneceu dormente, entre a hegemonia dos modelos propostos pela antropologia Norte Americana, a partir de Hrdlicka, e as insustentáveis proposições de Ameghino para a Argentina.

Curiosamente, ao longo de todo o século XX persistiram debates reiterando temas em torno dos quais se especulou desde os primeiros achados: a antiguidade do povoamento humano no Brasil, a contemporaneidade pré-histórica do homem com megamamíferos pleistocênicos, a caracterização morfológica distinta dos indivíduos de Lagoa Santa, e sua extinção ou continuidade biológica. Novos nomes, novos métodos, novas escavações, novos achados. Mais de um século de polêmica sobre a antiguidade das ocupações pré-históricas no Brasil e nas Américas.

O advento das datações radiométricas na década de 1950 permitiu obter as primeiras datas para os sítios, corroborando as estimativas mais otimistas da antiguidade: Lagoa Santa chegou a 10 mil anos antes do presente. A disponibilização, na década de 1990 do século XX, de um novo método de datação absoluta, fundamentado em aceleração de partículas atômicas, passou a permitir datações de amostras muito menores, inclusive fragmentos de polêmicos ossos humanos. Estes dados e a correção das datas mais antigas pelo aprimoramento do método vêm permitindo recuar ainda mais a idade dos achados em Lagoa Santa.

A partir desses avanços nas técnicas de datação, finalmente uma das perguntas centenárias parece poder ser agora respondida mais objetivamente: a contemporaneidade do homem com os megamamíferos pleistocênicos. Análises recentes de um fragmento de costela de *Scelidodon (Catonyx) cuvieri* (uma preguiça terrícola), integrante da coleção do Museu de História Natural de Belo Horizonte, e de um fragmento ósseo de *Smilodon populator* (um tigre de dentes de sabre), integrante da coleção Lund do Museu Zoológico de Copenhague, Dinamarca, forneceram datas, respectivamente, de 9.990 +/- 40 anos e 9.260 +/- 150 anos.⁴¹ Estas datas, comparadas com aquelas obtidas para as mais antigas ocupações humanas em Lagoa Santa, e com as datas obtidas diretamente para os ossos humanos da Lapa Vermelha IV, confirmam a contemporaneidade de fauna extinta com os primevos habitantes do Brasil, ao menos naquela região.

A morfologia craniana de Lagoa Santa (e a dúvida sobre a sua continuidade biológica com outros grupos Ameríndios) foi esvaziada em seus primórdios como uma questão científica ao ser considerada, também a partir de Hrdlicka, como uma expressão da variabilidade morfológica dos grupos mongolizados. Localizado na categoria de “raça Láguida”, o homem de Lagoa Santa, subtipo americano pré-histórico, continuou, entretanto, pobre em parceiros, sem continuidade biológica, sem cronologia precisa até meados do século XX, e com uma cultura pouco conhecida até poucas décadas atrás, embora fosse, entre os conjuntos arqueológicos de grande antiguidade, o mais bem representado em coleções musealizadas na América.

Muitas vezes revisitado ao longo de mais de 160 anos desde a sua descoberta científica, o conjunto de esqueletos humanos de Lagoa Santa foi recentemente agrupado do ponto de vista craniométrico entre os australóides e negróides, e enfaticamente afastados das populações mongolizadas (veja Capítulo 6, de Lahr & Guimarães e Capítulo 2 de Neves). A população de Lagoa Santa ganhou recentemente uma nova face, reconstituída por Richard Neave, da Universidade de Manchester: uma polêmica face negróide.

Apesar de percebido, desde o início, como diferenciado dos demais grupos pelas suas características craniofaciais mongolizadas, o grupo de Lagoa Santa foi muito tempo acomodado ao paradigma hegemônico. Apresentado agora como pré-mongolizado, parece finalmente que terá chance de poder sustentar-se, como algo distinto num cenário geral de enfraquecimentos do paradigma *Clovis*.

Ainda que a aceitação de tal morfologia menos moderna não implique em grande antiguidade, seguramente obriga a discutir o ingresso na América de pelo menos uma outra migração, além das propostas por Turner (veja Capítulo 4, de Storto & Franchetto). Talvez vinda de uma região diferente da Ásia, ou anteriormente à diferenciação dos grupos mongolizados. Implica também em retomar a discussão sobre a formação genética dos grupos Ameríndios, ou seja, de sua constituição genética e da continuidade biológica entre eles.

Novas técnicas apontam para a possibilidade de estender ainda mais esse olhar, com ferramentas genéticas como o PCR. Muito mais dados deverão ser produzidos antes que se possa propor novamente um modelo consensual sobre o povoamento pré-histórico mais antigo no território brasileiro e nas Américas.

Hoje no Brasil, como há cerca de 160 anos, os descobrimentos arqueológicos em Lagoa Santa mobilizam debates sobre o Quaternário final e as suas ocupações humanas. E mais uma vez essa polêmica ganha espaço internacional.

Mesmo que as respostas às questões de Lagoa Santa tenham sido, a cada momento, parciais ou insatisfatórias, e como quaisquer outras em ciência, tenham exigido permanente revisão, estes “homens das cavernas do Brasil” parecem ter constituído, ao longo de todos esses anos um fascínio especial. Teriam os achados de Lagoa Santa, como tantos outros mitos científicos, a capacidade de exercer uma influência especial no imaginário dos seus investigadores?

Mudanças de paradigma à parte, parece que neste início de milênio estamos iniciando um novo ciclo de debates e produção sobre Lagoa Santa. Com muito das antigas convicções abaladas, temos um começo promissor, em que o desafio, mais uma vez, é produzir densa e coerentemente, e quem sabe poder trazer novas questões e respostas para esta discussão secular.

NOTAS

¹ Laming-Emperaire *et al.*, 1975.

² Rodrigues *et al.*, 1973.

³ IBGE, 1970.

⁴ Hurt & Blasi, 1969.

⁵ Lund, 1935:16.

⁶ Padberg-Drenkpohl, 1926:2/3.

⁷ Padberg-Drenkpohl, 1926:4.

⁸ Padberg-Drenkpohl, 1934:7.

⁹ Hurt & Blasi, 1969:21.

¹⁰ Hurt & Blasi, 1969:50.

¹¹ Laming-Emperaire *et al.*, 1975:132 (tradução dos autores).

¹² Cunha & Guimarães, 1978.

¹³ Cunha & Guimarães, 1978:289/291.

¹⁴ Cunha & Guimarães, 1981/82: 244.

- ¹⁵ Prous, 1991, 1992; Junqueira & Prous, 1992/93.
- ¹⁶ Prous, 1992/93:373.
- ¹⁷ Mendonça de Souza, 1991.
- ¹⁸ Lund, 1950:459.
- ¹⁹ Mendonça de Souza, 1991:59.
- ²⁰ Lund, 1950:493.
- ²¹ Lund, 1950:487/488.
- ²² Padberg, 1926:4.
- ²³ Prous, 1992.
- ²⁴ Walter, s/d :5 e 21.
- ²⁵ Hurt & Blasi, 1969.
- ²⁶ Laming-Emperaire, 1975; Cunha & Guimarães, 1978.
- ²⁷ Prous & Guimarães, 1981/82: 26 e 29.
- ²⁸ Lund, 1950:496.
- ²⁹ Lacerda, 1885.
- ³⁰ Mello e Alvim, 1977.
- ³¹ Mello e Alvim, 1977:159-161.
- ³² Mello e Alvim *et al.*, 1984; Mello e Alvim & Mendonça de Souza, 1991.
- ³³ Mello e Alvim & Mendonça de Souza, 1991:75.
- ³⁴ Mendonça de Souza, 1992.
- ³⁵ Sotto-Heim, 1994: 107-108 (tradução dos autores).
- ³⁶ Mendonça de Souza, 1992/93:166-167.
- ³⁷ Beattie & Bryan, 1984.
- ³⁸ Mendonça de Souza, pré-print.
- ³⁹ Munford *et al.*, 1995; Neves *et al.*, 1997; Neves *et al.*, 1999.
- ⁴⁰ Neves *et al.*, 1999:466/467.
- ⁴¹ Pilo & Neves, 2002.